

O Emprego Operacional do Cavalo em Operações de Controle de Distúrbio e o Adestramento dos Esquadrões Hipomóveis

Cássio Diogo Cunha do Amaral – CAP CAV

Resumo

Trabalho desenvolvido com o objetivo de contribuir com o adestramento das tropas hipomóveis do Exército Brasileiro, no que tange ao seu emprego em Operações de Controle de Distúrbio (OCD). Realizou-se uma pesquisa bibliográfica qualitativa junto às Polícias Militares nacionais e internacionais, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, a Escola de Equitação do Exército, a Guarda Nacional Republicana Portuguesa e a Internet. Nessa pesquisa buscou-se a coleta de dados a respeito do *modus operandi* das tropas hipomóveis em OCD, do material de encilhagem e segurança, bem como do armamento de choque, usado com maior propriedade. Como resultado da pesquisa, chegou-se ao consenso de qual deveria ser o material de dotação empregado pelos esquadrões hipomóveis do Exército Brasileiro e de como estas frações devem operar diante de um quadro de controle de distúrbio. Como conclusão apresentou-se a proposta de um Programa Padrão de Adestramento para Operações de Controle de Distúrbio.

PALAVRAS-CHAVE: Operações de Controle de Distúrbio (OCD), material de dotação, Programa Padrão de Adestramento (PPA).

Resumen:

El trabajo se ha desarrollado con el objetivo de contribuir con el adiestramiento de las tropas hipomóviles del Ejército Brasileiro, en lo que concierne a su empleo en Operaciones de Control de Disturbio (OCD). Se realizó una pesquisa bibliográfica cualitativa junto a Policías Militares, nacionales e internacionales, la ESAO, EsEqEx, la Guardia Nacional Republicana Portuguesa y la Internet. En esta pesquisa se buscó la colección de datos a respecto del *modus operandi* de las tropas hipomóviles en OCD, del material de ensillado y seguridad, tanto como el armamento de choque, usado con mayor propiedad. Como resultado de la pesquisa se llegó al consenso de cual debería ser el material empleado por los escuadrones hipomóviles del Ejército Brasileiro y de como estas fracciones deben operar frente a un cuadro de control de disturbio. Como conclusión se presentó la propuesta de un Programa Padrón de Adiestramiento para Operaciones de Control de Disturbios.

1. INTRODUÇÃO

Com a evolução dos artefatos de guerra, o cavalo deixou de ser empregado com fins operacionais pelo Exército Brasileiro. As Organizações Militares (OM) passaram a ser dotadas de modernos equipamentos bélicos e seu treinamento orientado para o emprego desses equipamentos.

Como hipóteses de emprego do Exército Brasileiro (EB), apontam-se, dentre outras, a DELTA, que abrange o combate convencional, e a ALFA, abordando as Operações (Op) de Garantia da Lei e da Ordem (GLO).

As unidades hipomóveis (Hipo), em consequência, buscaram uma forma de preparar e empregar suas subunidades (SU) hipomóveis no cumprimento dessas missões, vislumbrando-se, então, a possibilidade do emprego de cavalos nas Operações de Garantia da Lei e da Ordem enquadrados no contexto da hipótese de emprego ALFA.

O manual de campanha C19-15, Operações de Controle de Distúrbios, em seu capítulo primeiro, em virtude do preparo e adestramento específico, delimitou a Polícia do Exército e as Organizações Militares (OM) de Guarda como sendo as tropas mais indicadas para as Operações de Controle de Distúrbio (OCD).

Atualmente, o EB possui subunidades hipomóveis, subordinadas ao 1º Regimento de Cavalaria de Guarda (RCG), ao 2º RCG e ao 3º RCG, localizados respectivamente em Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS), todas cidades de grande importância no contexto nacional e com larga possibilidade de emprego de tropas em Op GLO.

Diante das hipóteses de emprego, como cumprir missões de OCD empregando a tropa montada? Como deve ser conduzido o adestramento do esquadrão (Esqd) Hipo

a fim de torná-lo eficiente e eficaz quando empregado em OCD?

Ante essa incógnita, propõe-se então a criação de um Programa Padrão de Adestramento para o Esquadrão Hipomóvel em OCD, apresentam-se os materiais e armamentos mais eficientes a serem empregados nessas operações e definem-se as formas de emprego da tropa.

1.1 Objetivo

O objetivo desta obra é padronizar o preparo e o emprego das subunidades hipomóveis para as OCD, por intermédio da proposta de implantação de um programa padrão de adestramento voltado para esse tipo de SU.

A fim de viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, a seguir relacionados, que permitiram o encadernamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste trabalho:

- a) Arrolar informações, por meio de pesquisas bibliográficas, nas Polícias Militares (PM) dos estados do RS, SC, DF, SP, PR e RJ, no que tange ao emprego da tropa, armamento, equipamento de dotação e efetivos empregados para compor um modelo de padrão de tropa hipomóvel;
- b) Identificar o emprego de equinos em operações urbanas e rurais em um contexto de controle de distúrbio;
- c) Comparar o atual Quadro de Dotação de Material (QDM) para OCD e de pessoal dos Esqd Hipo em estudo;
- d) Definir, por intermédio de pesquisa bibliográfica, qual deveria ser a proporção do efetivo da tropa hipomóvel a ser empregada em relação ao número de pessoas que compõem a turba.
- e) Relacionar, após análise dos itens acima descritos, os tipos mais adequados de materiais utilizados em OCD;

- f) Identificar, utilizando pesquisa bibliográfica, as limitações e possibilidades das tropas hipomóveis em OCD;
- g) Identificar, em pesquisa bibliográfica, o emprego de tropa hipomóvel em outros países.
- h) Propor um Programa Padrão a ser desenvolvido durante a fase de adestramento do ano de instrução dos Esqd Hipo.

1.2. Procedimentos

Metodológicos

A pesquisa foi baseada em estudos bibliográficos. Foram realizadas coletas documentais junto as Polícias Militares dos estados do RS, SP, PR, DF, SC e RJ. Nessas pesquisas foram enfatizados os trabalhos de conclusão dos cursos de aperfeiçoamento de oficiais das corporações.

Outras importantes fontes de consulta foram os manuais operativos das PM, além dos manuais de campanha do Exército. Em particular, nos manuais do EB, se buscaram as formas de emprego da tropa a pé, objetivando realizar uma análise comparativa com a tropa hipo.

Junto à Escola de Equitação do Exército (EsEqEx), foram coletados trabalhos de conclusão do Curso de Instrutor de Equitação, pois diversos deles, desenvolvidos a partir de 2002, tratam do assunto em pauta.

Na pesquisa bibliográfica, buscaram-se subsídios para enumerar os materiais de proteção a serem adotados por homens e cavalos, os armamentos empregados em OCD, as formas de emprego da tropa e o treinamento a ser adotado pela tropa hipomóvel.

2. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A fim de abordar a necessidade de emprego da tropa hipomóvel em OCD, é conveniente que se entenda a missão do Exército Brasileiro no contexto nacional e os meios utilizados para preparar suas Unidades e Grandes Unidades.

No cumprimento de sua missão constitucional relativa à GLO, o Exército segue as orientações previstas na Diretriz Estratégica de Instrução Militar, integrante da coletânea de Diretrizes Estratégicas do Exército, no item "c":

O emprego na Garantia da Lei e da Ordem

As possibilidades de emprego da F Ter em ações de GLO, ao contrário das ligadas à defesa externa, não permitem a suposição de prazos ou os admitem muito curtos.

Para isso, as OM operacionais devem ser mantidas, permanentemente, em condições de ser empregadas em missões de garantia da lei e da ordem. (SIPLEx – 5 p. 10)

Além disso, o Comandante do Exército determinou que o Exército deve:

Manter-se em condições de ser empregado em qualquer ponto do território nacional, por determinação do Presidente da República, de forma emergencial e temporária, depois de esgotados os instrumentos destinados à preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, relacionados no art. 144 da Constituição. (BRASIL. Portaria Nº 657, de 4 de novembro de 2003.)

No âmbito do Exército Brasileiro, o órgão de direção setorial responsável por manter a força terrestre em condições de cumprir sua missão constitucional é o Comando de Operações Terrestres (COTER). Por intermédio de diretrizes de instrução e do Programa Padrão (PP) de instrução são reguladas as atividades que serão desenvolvidas pelas unidades militares, desde a instrução individual básica até os mais altos níveis de adestramento.

O Comando de Operações Terrestre estabelece que todas as Organizações Militares (OM) de arma devem estar permanentemente adestradas em Op GLO e em condições de serem empregadas. Conseqüentemente, os RCG devem manter suas SU hipomóveis em níveis operacionais adequados para serem empregadas a qualquer momento nesse tipo de Op.

Com a finalidade de orientar a preparação da Força Terrestre na execução de operações de Garantia da Lei e da Ordem, o COTER elaborou um programa padrão provisório de adestramento em Op GLO. Em seu capítulo primeiro este documento provisório cita:

- a. *A atuação das Forças Armadas, em operações de Garantia da Lei e da Ordem, está prevista na Constituição Federal, promulgada em 1988. (Art 142).*
- b. *As Forças Armadas, a fim de cumprirem a missão constitucional, poderão ter necessidade de atuar contra forças adversas em ambiente rural e(ou) urbano, desenvolvendo ações preventivas e repressivas.*
- c. *O emprego da tropa federal ocorrerá com a decretação de uma das salva-guardas constitucionais (Intervenção Federal (Inc III, Art 34, CF/88), Estado de Defesa (Art 136 CF/88) e Estado de Sítio (Art 137 CF/88), caracterizando uma situação de "anormalidade" ou, sem que*

isto aconteça, dentro de uma situação de "normalidade".

d. *As ações para o preparo da tropa deverão ser conduzidas, considerando-se o emprego numa situação de "normalidade".*

Os objetivos gerais do adestramento da tropa para o emprego em Op GLO, segundo o PPA GLO provisório, não permitem a suposição de prazos ou os admitem muito curtos. Conseqüentemente, o adestramento para as Op GLO deve conferir às frações, às subunidades e às unidades a preparação completa¹ necessária para atingir o nível de capacitação da eficiência operacional².

Todo o preparo da tropa deve ser condicionado às leis, às diretrizes e aos planos em vigor, levando em consideração a ausência de prazos para emprego da tropa, ou considerando-os extremamente curtos. Deverá também ser considerada a preparação da tropa conforme as características do ambiente operacional em que será empregada.

Os regimentos de guarda possuem em sua organização, como já visto, esquadrões hipomóveis. Entre outras missões, estes esquadrões também são preparados para serem empregados em Op GLO, devendo estar permanentemente adestrados. Como o objetivo deste trabalho se limita ao adestramento dessas frações em OCD, será abordado especificamente o emprego da tropa hipomóvel em operações de controle de distúrbio.

¹é o nível adequado de adestramento que confere à organização militar operacional condições de eficiência para cumprir todas as missões de combate fundamentais à sua natureza e escalão, configurando o desempenho coletivo indispensável para caracterizar a sua eficiência operacional.

² é a capacidade de uma organização militar operacional cumprir, de maneira adequada, todas as missões de combate, previstas na sua Base Doutrinária

Diante da questão de se ter a obrigação de manter o efetivo das SU hipomóveis em níveis de capacitação de eficiência operacional, questiona-se: qual o possível emprego do binômio cavalo-cavaleiro nessas missões? Por que não empregar os integrantes do Esqd de fuzileiros hipomóvel como massa de manobra a pé?

Como resposta às indagações que são realizadas sobre a verdadeira necessidade de empregar uma tropa que combina homens e cavalos em OCD, apresenta-se, fruto da pesquisa bibliográfica realizada, o emprego de cavalos pelos seguintes órgãos nacionais e internacionais: Polícia Nacional do Peru, Cavalaria da Polícia Federal Argentina, Polícia Montada do México, Real Polícia Canadense, Polícia Militar de Londres, Guarda Nacional Republicana Portuguesa e as Polícias Militares dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo. Esses são exemplos claros de que o emprego de cavalos em OCD é largamente difundido nas forças policiais no Brasil e no mundo.

As polícias são na atualidade as instituições que possuem o *modus operandi* das tropas hipomóveis em Op GLO. A consequência disto é que as melhores fontes de consulta são os manuais das polícias militares.

O cavalo, inicialmente empregado como simples meio de transporte na atividade policial, foi-se caracterizando ao longo dos tempos como um elemento de comprovada eficiência no desempenho das missões afetas à Segurança Pública. Prova disso é que a tropa montada tem sido mantida nas maiores e mais desenvolvidas metrópoles do mundo, a despeito de todos os benefícios advindos do avanço tecnológico e científico, disponíveis ao homem de hoje (Policastro 1995).

Como poderá ser observado nos itens seguintes, não se pode ignorar que o cavalo impõe, pela simples presença, ostensividade, efeito psicológico e poder repressivo, bem como possibilita a seu cavaleiro grande visibilidade, mobilidade e flexibilidade, propiciando, conseqüentemente, uma significativa economia de meios humanos.

2.1. Material Individual e Armamento

Compilaram-se, neste item, as conclusões acerca do material e do armamento que devem mobilizar a tropa hipomóvel a ser empregada em OCD. Em relação ao material individual, abordar-se-á apenas o material de encilhagem e o de proteção dos cavalos e cavaleiros.

2.1.1. Material de Encilhagem

Esta seção tem por objetivo propor o material que o esquadrão hipomóvel deve utilizar na encilhagem dos animais que atuarão nas operações de controle de distúrbio. Além da bibliografia pesquisada, considerou-se o material existente nas unidades hipomóveis do Exército Brasileiro e a experiência profissional do autor, adquirida ao longo de 04 (quatro) anos de serviços, prestados ao 3º Regimento de Cavalaria de Guarda – Regimento Osório.

Cabe ressaltar que o termo encilhar significa colocar no cavalo o material necessário para sua montaria. Durante o período de qualificação do ano de instrução militar, os soldados incorporados nas unidades hipomóveis aprendem a maneira correta de encilhar um equino. Desajustes no material podem produzir ferimentos ao animal e, eventualmente, queda do cavaleiro, com risco de danos físicos a ambos. Nas OCD cresce a importância dessas técnicas, pois o militar

estará por longo tempo montado e sujeito às dificuldades peculiares da área de operações.

O ato de encilhar, nos pelotões hipomóveis, é uma atividade individual. É fundamental por parte dos comandantes de todos os níveis (esquadra, grupo de combate e pelotão) a fiscalização da encilhagem. A negligência nessa ação pode ter conseqüências graves e o Exército demonstra preocupação permanente com a segurança. São unânimes em seus trabalhos POLICASTRO 1995, BONDARUK 2005, RODRIGUES 2003, PEREIRA 2003, em relação ao material de encilhagem. Todos os autores citados são oficiais de corporações hipomóveis das polícias militares nacionais. Os materiais por eles utilizados são os mesmos empregados pelo Exército Brasileiro.

O arreamento necessário ao cumprimento das missões de OCD é a cabeçada reiuna com freio, devendo o oficial deixar de usar o material de freio e bridão a fim de simplificar seu manejo. Deve-se ter muito cuidado com a barbela³ do freio, que deve ser corretamente ajustada e de maneira nenhuma improvisada. Este simples detalhe, caso negligenciado, pode vir a causar um grave acidente.

A sela deve ser do modelo reiuna, equipada com porta espada/bastão. Pode também, em virtude do tempo de emprego da tropa, conter alforjes para transporte de material. Sobre o dorso do cavalo é utilizada uma manta, que tem por finalidade dar maior fixidez à sela sobre o dorso, proteger o material do suor do animal e o dorso do equino do atrito com a sela. Este material, quando mal ajustado, pode trazer incômodo ao cavalo e causar a inaptidão temporária para o trabalho, por motivo de saúde do animal.

Os alforjes⁴ são dois bornais de couro, fixados na parte frontal da sela, chamada de cepilho. Em virtude da posição que fica no cepilho da sela, com uma bolsa para cada lado, assegura uma distribuição homogênea do peso.

Sua dimensão de aproximadamente 27 cm de comprimento por 16 cm de largura proporciona ao cavaleiro a capacidade de transportar um volume considerável de materiais. Por ser confeccionado em couro, é resistente o suficiente para transportar um peso aproximado de 15 Kg distribuídos nas duas bolsas.

Com o emprego do alforje, o cavaleiro fica livre de ter de transportar qualquer tipo de material em uma mochila às suas costas. Transportar uma mochila, quando a cavalo, operando em controle de distúrbio, seria desconfortável e relativamente antioperacional.

No interior dos alforjes, os militares poderiam transportar munição, granadas químicas e de efeito moral, algemas, máscaras contra gases, corda buçal, ferraduras reserva, kit de primeiro socorros, catanho⁵ ou ração operacional, bem como qualquer tipo de pequeno material que a missão exija.

Fixando a sela ao cavalo temos a barrigueira, que é confeccionada em couro ou em cordão sintético, ou de algodão, presa à sela por fivelas ou tiras de couro chamadas de látigo. Para auxiliar na fixação da sela temos o peitoral, que consiste em um "colar" de couro que passa pelo pescoço do animal e é fixado em três pontas, uma na barrigueira e duas na sela, para evitar que a mesma escorregue para trás.

Também fixados à sela por um suporte metálico ou por uma fenda na armação, temos os loros e os estribos. Estes materiais, desenvolvidos por volta do ano 200 AC pelos guerreiros Mongóis de Gengis Khan,

³ Corrente presa por dois ganchos ao freio. Tem por objetivo realizar uma alavanca limitadora com o freio, intensificando o efeito do mesmo.

⁴ Bolsas de couro que são fixados a sela para transporte de material.

⁵ Termo castrense que se refere a um lanche que substitui uma refeição.

são utensílios fundamentais para apoiar o equilíbrio do cavaleiro. Preocupação permanente deve-se ter com esse artefato, pois seu rompimento durante as operações pode causar grave acidente e comprometer o sucesso da missão.

Levando em consideração o material utilizado pelos órgãos de segurança pública, conclui-se que o material de encilhagem já existente nas frações hipomóveis do Exército Brasileiro é compatível com o seu emprego em OCD.

2.1.2 Material de Proteção

A turba, quando enfurecida, ou conduzida por movimentos organizados e movidos por fins ideológicos, liderada por elementos com intenção de causar danos ao patrimônio e à ordem pública, costuma preparar-se para enfrentar as forças oponentes.

Esta preparação, tanto material como intelectual, visa a impedir o sucesso da força legal, empregando barricadas, fogo, miguelitos⁶ - para furarem os pneus das viaturas e a ranilha⁷ dos cavalos -, pedras e tudo o que for possível para conter a tropa.

Cabe ressaltar, neste momento, que existe uma mística sobre o emprego de bolas de gude contra a tropa hipo. Em toda a literatura pesquisada não foi citado em momento algum que este artefato possa derrubar um cavalo, mas certamente poderá contribuir para a queda do animal quando o terreno for escorregadio e a andadura acelerada.

A descrição do equipamento de proteção para o binômio cavalo-cavaleiro será abordada na próxima subseção, apresentando separadamente o material para equipar o homem e o cavalo. Esses materiais constituem,

atualmente, as maiores carências das unidades hipomóveis para atuarem em OCD. São, na maioria das vezes, adaptados e improvisados, fruto da criatividade e do espírito de cumprimento de missão dos integrantes da força terrestre.

O cavaleiro, como indivíduo integrante do binômio homem-cavalo, deve possuir um material que lhe proporcione o máximo de proteção para manter sua integridade física sem tirar sua mobilidade.

As nuances encontradas na literatura especializada variam em pequenos e irrelevantes aspectos, como o formato dos capacetes, que, em sua finalidade principal, devem proporcionar segurança ao cavaleiro.

O material considerado mais adequado para proteger o cavaleiro é o adotado atualmente pelo Regimento de Polícia Montada do Distrito Federal – Regimento Coronel Rabelo -, que consiste de capacete antitumulto com viseira, caneleira antitumulto e cotoveleira antitumulto. Complementando esse equipamento é indicado utilizar colete à prova de bala, rádio transceptor e máscara contra gases (Fig 1).



Figura 1

Militar montado utilizando equipamento antitumulto.

Fonte: Disponível em www.mountedpoliceworldwide.com e acessado em 27 julho de 2006.

⁶Artefato feito de vergalhão de aço dobrado e soldados com o formato de um ouriço.

⁷Parte de baixo do casco. Equivalente a sola do pé humano.

Como importante meio de dissuasão em OCD, o cavalo deve, tanto quanto o homem, ser protegido das ações ofensivas da turba. Quando acometido em sua integridade física, o animal pode vir a causar graves acidentes, ferindo gravemente o cavaleiro e pessoas ao seu redor, comprometendo a integridade tática da fração no cumprimento da missão. A tropa empregada pode ser alvo de duras críticas da opinião pública e de simpatizantes da sociedade protetora dos animais, caso o cavalo venha a sofrer escoriações ou ferimentos.

Objetivando minimizar os efeitos das forças adversas sobre a tropa montada, sugere-se que os materiais de proteção dos animais contribuam para a manutenção da sua integridade física e proporcionem o conforto necessário para atuarem durante longos períodos de tempo. Considerando-se ainda a irracionalidade do animal, qualquer desconforto imposto ao cavalo será manifestado na forma de desobediência aos comandos do cavaleiro.

O equipamento indispensável à segurança do cavalo é composto de viseira, confeccionada em policarbonato de 3 mm fixada à cabeçada pela faceira⁸ e testeira⁹, e que proporciona segurança aos olhos do equino. O policarbonato ao ser atingido violentamente pode vir a quebrar; entretanto não expele caco nem farpas que possam machucar o cavalo.

Também preso à cabeçada temos um protetor de chanfro com o objetivo de proteger a parte frontal da cabeça do cavalo. É confeccionado em espuma absorvente de impacto, forrada com couro. Este material é largamente utilizado pelas polícias de Israel, Nova York e Los Angeles (fig 2).



Figura 2

Cavalo com protetor de chanfro e viseira.

Fonte: Disponível em www.mountedpoliceworldwide.com e acessado em 27 julho de 2006

Em seus membros, principalmente nos anteriores, é fixado um protetor confeccionado em couro ou material sintético que assegura relativa proteção aos boletos, canelas e joelho do cavalo. Em seu interior há um forro confeccionado em espuma resistente absorvente de impactos. Este equipamento tem por objetivo diminuir a incidência de machucados sofridos pelo cavalo ao ser atingido por pedras e pancadas com bastão em seus membros.

Este material apresenta-se em dois módulos, sendo um constituído de caneleira e boleteira e o outro é a joelheira. No comércio nacional há uma grande carência destes materiais, sendo largamente encontrados equipamentos para a prática de hipismo. Alguns autores sugerem o emprego de protetores de pólo, que não passam de paliativos, pois não protegem os joelhos.

⁸Tira de couro que fica na lateral da cabeçada.

⁹Parte frontal da cabeçada que fica próximo das orelhas.

Como forma de tentar conter o avanço da tropa hipo, os manifestantes podem utilizar miguelitos para causar ferimentos aos animais. Os miguelitos, devido ao seu formato, perfuram a sola dos cascos dos cavalos. Para dificultar tais ações é importante proteger o equino com protetores de casco (fig 3).

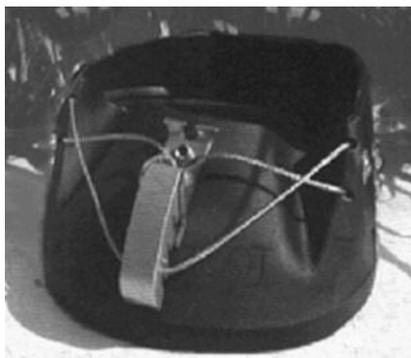


Figura 3

Protetor de casco.

Fonte: Disponível em www.mountedpoliceworldwide.com e acessado em 27 julho de 2006

Esse artefato, leve e durável, não passa de um “sapato” para cavalos, cuja sola, a parte mais importante, é confeccionada em poliuretano, material suficientemente duro para impedir tais tipos de perfurações. A poliuretana também deve ser aderente ao solo, auxiliando no equilíbrio do cavalo em pisos escorregadios, e deve ser fixada por dois tirantes e uma alavanca metálica que cobre o casco até sua coroa¹⁰. Proporciona proteção ao casco e favorece a tração animal.

Não é necessário que a tropa use esse material em todas as missões. No planejamento das operações, o comandante da fração hipomóvel deverá analisar o piso da área de operações e a possibilidade de a turba empregar miguelitos.

Os materiais citados são os ideais para protegerem a tropa montada, sendo comercializados por empresas especializadas em equipamentos de segurança. A matéria prima utilizada em sua confecção busca conciliar resistência e peso com o conforto necessário ao emprego da tropa hipomóvel em longas jornadas.

Um alerta que merece destaque é o cuidado especial com as improvisações, pois muitas vezes o material empregado pode causar mais danos ao conjunto e não compensa o esperado benefício. Um exemplo de improvisação desastrosa é a adaptação de viseiras plásticas ao capacete já existente no corpo de tropa. Como este material é de baixa qualidade, costuma quebrar e ferir o rosto do militar podendo causar, aí sim, danos irreversíveis. Assim, é fundamental que seja adquirido para mobiliar os Esqd Hipo o material anteriormente citado.

2.1.3. Armamento Utilizado em OCD

Antes de abordar os aspectos atinentes a este item, é conveniente lembrar que a tropa a cavalo antes de tudo é um poderoso meio dissuasor. Seu emprego tem por objetivo justamente evitar o confronto entre os manifestantes e os órgãos legais encarregados de cumprirem a missão de OCD.

A espada e o bastão constituem as armas de choque mais recomendadas pela literatura pertinente, ambas com a mesma finalidade, entretanto com algumas particularidades. No que tange aos aspectos de instrução, cabe ressaltar que os movimentos empregados em operações de controle de distúrbio são os mesmos, tanto com a espada quanto com o bastão.

¹⁰Parte superior do casco, onde termina o casco e começa a quartela.

A espada, apesar de letal quando empregada com golpes perfurantes e cortantes – sendo por isso percebida como arma de guerra, por excelência -, não deve mais ser empregada com o mesmo objetivo do passado, nem da mesma forma. Seu efeito psicológico marcante é que é importante agora, devendo ser explorado em sua plenitude.

A lâmina da espada tem o comprimento de 105 cm, ramo curvo e possui cabo de madeira, com o copo grande para melhor proteção da mão. Apresenta 1 Kg de peso desembainhada e 1,6 Kg embainhada. Em seu emprego deve-se destacar que ela jamais deve ser afiada e nunca empregada de ponta ou de gume contra manifestantes. Este aspecto deve ser incessantemente incutido na mente de seu portador.

Um dos principais aspectos negativos, em relação ao emprego da espada, é a opinião pública, pois o emprego deste artefato pode vir a chocar o público, caso seja necessário o investimento da tropa sobre a turba, mesmo que todas as ações tenham sido corretamente conduzidas.

Outro fator a se considerar é o abordado pelo major da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (BMRS) Osmar, comandante do Esqd hipomóvel do 4º Regimento de Polícia Montada (RPMon), Regimento Bento Gonçalves (RBG), em palestra ministrada no 3º RCG (Reg Osório), no ano de 2005, por ocasião do intercâmbio de experiências entre o RBG e o Regimento Osório. Para ele, o policial munido de espada tende a ser mais reservado no seu emprego do que quando porta bastão de madeira ou de borracha. Considerando os efeitos negativos que a opinião pública pode ter sobre a atuação dos órgãos de segurança pública, a polícia Militar do Distrito Federal optou pelo uso do bastão.

O cacete é confeccionado em polipropileno e possui 1,10cm de comprimento com suas extremidades arredondadas.

Os esquadrões hipomóveis possuem em seu QDM a espada, que é o armamento de dotação dos oficiais e sargentos quando montados, além da pistola 9 mm. A espada equipa estas frações por tradição, conseqüência de ter sido a arma de guerra da cavalaria durante séculos. Considerando-se a tradição, a disponibilidade deste armamento de choque nas subunidades hipomóveis e a equivalência do seu emprego com o bastão, a espada é hoje o armamento mais viável para ser empregado pela tropa hipomóvel em OCD. Entretanto, levando-se em consideração a opinião pública, os custos e a dificuldade de aquisição e manutenção da espada, o Exército Brasileiro deveria dotar suas frações de choque hipomóvel com bastões, permanecendo a espada somente para o cerimonial militar.

O armamento de porte utilizado pelos órgãos de segurança pública é o de dotação de cada policial militar, podendo ser o revólver ou a pistola. Por analogia é perfeitamente cabível a utilização pelas tropas do Exército Brasileiro da pistola 9 mm como armamento de proteção individual, devendo ser utilizada somente para defesa pessoal, e nunca como meio de dissuasão.

Os armamentos não letais devem ser largamente empregados pelas tropas hipomóveis empregadas em OCD, da mesma forma que são utilizados pelas forças policiais e pela Polícia do Exército. Os que mais se enquadram nas particularidades desta missão são: a escopeta ou espingarda cal 12, com munições químicas ou de borracha, projetor para munição química ou antitumulto cal 12 e 38.1, cacete elétrico, granadas químicas, fumígenas e de efeito moral.

2.2 Características da tropa hipomóvel

As frações montadas sobre “plataformas” – como o carro de combate, as viaturas sobre rodas e os cavalos – possuem mais velocidade que a tropa a pé. Esta diferença de velocidade dá à tropa hipomóvel a sua característica mais importante: a mobilidade, que é um dos elementos decisivos para o sucesso das operações.

A mobilidade da tropa hipomóvel na região de operações é relativa à execução de ações táticas, sendo apreciada, particularmente, por seu raio de ação, velocidade, bem como flexibilidade de emprego. Esta mobilidade proporciona à tropa montada uma maior capacidade de mudar de frente rapidamente, deslocar-se para regiões críticas a fim de reforçar outra tropa em dificuldades ou cumprir missão específica. A característica de se deslocar com rapidez, sem necessitar embarcar em viaturas, bem como sua versatilidade de emprego, resultam em flexibilidade, ou seja, na possibilidade de sofrer ajustes na execução e oferecer soluções alternativas de modo a atender às imprevisibilidades das ações. É esta flexibilidade que dá condições ao comandante da operação de intervir rapidamente, pela manobra, evitando o rompimento de uma linha de isolamento, um flanqueamento ou envolvimento de frações a pé.

Na análise das ações que serão desenvolvidas pela força empregada em OCD, o comandante deverá considerar o efetivo necessário para bem cumprir a missão. Fruto do que foi explanado até o momento, conclui-se que a tropa hipo atua em um grande raio de ação, gerando economia de meios para o comando das operações. Esta economia de meios é elucidada quando se compara a tropa montada com a tropa motorizada e a tropa a pé. Um homem a cavalo, em operações de controle de distúrbio, equivale a duas viaturas e de cinco a dez homens a pé (RODRIGUES 2003 p. 14).

Outra característica da tropa montada é a possibilidade de atuação em terreno variado. As operações de OCD podem se desenvolver tanto no ambiente urbano como no rural. Geralmente o rural se caracteriza por áreas amplas, terreno de chão batido ou gramado, largas frentes de atuação e pouca movimentação topotática.

O teatro de operações urbano (fig 4), desenvolver-se-á em praças, esplanadas, parques e grandes avenidas. Em ambos os teatros de operações pode ser observada a necessidade de emprego do cavalo em OCD, pois ele não depende de vias de acesso convencionais para se deslocar e tem condições de atuar sob quaisquer condições climáticas.



► **Figura 4**
Tropa da PMDF
dispersando a turba.
Fonte: Mendes 2005

Estar montado em um cavalo durante as operações de controle de distúrbio também proporciona uma posição de observação vantajosa. Esse fator pode ser explorado inclusive pelo comandante da tropa a pé, que, montado, poderá observar de uma posição com comando a atuação de sua tropa e intervir com mais propriedade nas ações. Por estar sobre uma plataforma, a tropa montada também é rapidamente notada pelas pessoas passando: a sua presença tem um caráter ostensivo.

Um cavalo mediano pesa por volta de 450 Kg e mede 1,55 m do chão até o garrote¹¹ e tem porte físico robusto. Por estas características, provoca um efeito psicológico muito grande sobre as pessoas e infunde respeito, sendo fator de grande êxito nas ações preventivas e repressivas, já que, embora esteja sob o domínio de seu cavaleiro, resultante do adestramento que recebe, o cavalo deixa a dúvida quanto ao perfeito controle de suas reações, afastando boa parte das intenções de enfrentamento.

Por inspirar noção de poder, o cavalo empregado no controle de distúrbio pode evitar o confronto direto, causador do maior número de baixas, uma vez que, na maioria das vezes, a turba se evade e é canalizada para pontos de fuga estrategicamente preparados, ante a simples aproximação da tropa montada.

Outro aspecto importante é a possibilidade de realizar demonstrações de força próximas à área de operações. Estas demonstrações provocam muito barulho em consequência do efeito dos cascos do cavalo sobre o chão, causando medo aos manifestantes.

Outra forma de dissuasão é a investida, não decisiva, a cerca de 100m dos manifestantes, provocando uma rápida dispersão. Esta ação é denominada de carga de cavalaria e só será realmente empregada diretamente sobre a turba como último recurso para conter a multidão, bem como só poderá ser realizada em locais que possuam vias de escoamento para os manifestantes.

2.3 Possibilidades

As frações hipomóveis possuem diversas possibilidades de emprego, listadas no Manual de Campanha C 2-1 EMPREGO DA CAVALARIA. Aqui são abordadas apenas aquelas que podem ser desenvolvidas pelas tropas montadas em operações de controle de distúrbios.

Em apoio a outras tropas e por economia de meios, a tropa hipomóvel pode realizar a guarda de pontos sensíveis durante a atuação de forças de choque sobre a turba. Como exemplo desta missão, pode-se citar a segurança do Palácio do Planalto durante manifestações populares que terminaram em atos de vandalismo contra aquele local, durante a atuação da força de choque sobre os manifestantes.

Observamos, na figura 5, que entre o Palácio do Planalto e os manifestantes existe uma linha de policiais realizando um isolamento. A tropa hipo realizaria a mesma missão empregando de um quinto a um décimo do efetivo da tropa em questão. Observa-se, ainda, que os policiais estão na mesma altura dos manifestantes tendo um campo de visão limitado. Os manifestantes que se situarem mais distantes não conseguirão ver os militares, perdendo com isso o efeito dissuasor da tropa em OCD.

¹¹Região onde há inserção das duas espáduas. Situado entre o dorso e o pescoço do cavalo.



► **FIGURA 5**
Isolamento realizado por tropa a pé.
Fonte: O autor

Durante a concentração de massas populares, que podem se tornar agressivas, a tropa hipomóvel realiza patrulhas nas imediações do provável local de manifestações, coibindo ações adversas e informando ao escalão superior de prováveis ações hostis.

A tropa também poderá ser deslocada para próximo dos manifestantes e, neste momento, apoiada por elementos a pé, prisões de manifestantes e agitadores poderão se suceder, com isolamento ou evacuação da região, e aí as frações hipomóveis poderão cumprir missões de escolta e guarda de presos. Neste tipo de missão, é realizado um cerco em torno do preso, que deve ser conduzido por integrantes de tropa a pé.

Por ocasião de manifestações em que autoridades tentem negociar com os manifestantes, deslocando-se até bem perto deles, a oportunidade para o emprego vocacionado da tropa hipo se renova. A fim de oferecer proteção a estes negociadores, a tropa pode realizar a sua segurança, escoltando-os até a turba. A formação em cunha abre uma brecha entre os manifestantes e conduz o negociador até o interior do local das manifestações.

As polícias militares também empregam a formação em losango, a fim de realizar prisões no interior de manifestações, ou eventos musicais que gerem grande concentração de pessoas.

Outra importante missão a ser atribuída à tropa hipomóvel é a realização de operações de controle de distúrbios, objeto principal do estudo realizado, integrando a tropa de choque no reestabelecimento da ordem pública (Fig 6). Seu emprego deve ser combinado com a tropa a pé, proporcionando desta forma apoio mútuo e reduzindo a influência exercida pelas limitações da tropa hipomóvel.



▼ **Figura 6**
Emprego combinado de tropa.
Fonte: Disponível em www.urban75.org e acessado em 20 de Abril de 2004.

2.3 Limitações

O emprego de cavalos em OCD sofre a influência de alguns fatores limitadores, como: desempenho de missões estáticas prolongadas, alimentação dos animais, execução de detenções, ação em locais de piso escorregadio e intervenção no interior de edifícios.

Por suas características físicas é mais cômodo para o cavalo estar em movimento do que parado com um homem montado sobre o seu dorso. As situações estáticas, em que o militar não pode apejar, passam a ser fatores limitadores do tempo de permanência do animal na operação.

Há restrição quanto à alimentação, em virtude da sensibilidade do sistema digestivo do cavalo, sendo necessário sair da ação por um período médio de quatro horas para que ele possa alimentar-se. Esse fator também limita o tempo de emprego da tropa na missão, e, para minimizar a questão, pode-se fazer uma adaptação da dieta animal, aumentando a quantidade de volumosos (feno ou pasto) e readaptando os horários da forragem.

A Brigada Militar do Rio Grande do Sul, segundo o Maj BMRG Osmar, trabalha com dados médios de planejamento de emprego do cavalo por períodos diários de seis horas em ação. Cabe ressaltar que as unidades hipomóveis do Exército Brasileiro nas solenidades cívicas do dia da pátria realizam desfiles militares e permanecem montados por períodos aproximados de 10 horas.

Assim sendo, o tempo de permanência na ação é um limitador que pode ser facilmente minimizado. O comandante da fração hipomóvel precisa ter estes dados em mente para adaptar, em seu planejamento, os horários de forragem para os animais e a necessidade de substituição da tropa.

O aspecto relativo à execução de prisão fica minimizado em virtude de a tropa hipo normalmente ser empregada juntamente com tropa a pé. Caso estivesse atuando isoladamente ocorreria necessidade de o militar apejar da sua montada, deixá-la com o guarda-cavalo para efetuar a revista e prisão do manifestante. Em meio à multidão esta ação se tornaria bastante penosa.

A atuação no interior de prédios dificulta o emprego do cavalo em OCD. Corredores estreitos não permitem ao cavalo a possibilidade de dar meia volta e as escadarias impossibilitam os animais de atuarem nos andares superiores. Nesses casos, o melhor emprego da tropa é utilizá-la como corredor de segurança para conduzir os manifestantes retirados, pela tropa a pé, do interior do prédio.

Nos centros urbanos de ruas pavimentadas, não é aconselhável a utilização de andaduras muito viva, em virtude do piso escorregadio, da existência de tampas de bueiro e de degraus como o meio-fio. Nesses casos deve ser empregada a fração hipomóvel compacta com seus elementos bem unidos e em andadura moderada. Outro fator atenuante para esta limitação é o emprego do protetor de casco. A sola desse protetor é confeccionada com material que evita escorregões.

2.4. Adestramento da Tropa Hipomóvel para as OP GLO

O Adestramento Básico será desenvolvido e orientado pelos seguintes fundamentos metodológicos

- *Imitação do Combate e Participação da Tropa, como condições imprescindíveis para capacitar os agrupamentos de níveis unidade, subunidade a fração a atuarem como instrumentos de combate.*

- *Missões de Combate compatíveis com o escalão e a natureza do agrupamento considerado, selecionadas criteriosamente, tendo como base o ambiente operacional do possível emprego.*
- *Integração do Adestramento, como forma de economia de tempo e de meios, bem como de ampliação da eficiência do treinamento dos diversos escalões e dos agrupamentos de naturezas diferentes.*
- *Reunião da Experiência Operacional, como meio de preservar a capacidade da Força Terrestre para desenvolver o combate.*
- *Exercícios de desenvolvimento da Ação de Comando e da Liderança, que têm como finalidade possibilitar a observação e a avaliação do comportamento dos militares participantes, em especial, dos comandantes, e estimular valor moral da Tropa.*
- *Instrução Preliminar, como parte integrante do próprio Adestramento.*
- *Preparação da tropa, em conformidade com as missões que lhe são impostas, no Plano de Segurança Integrada do escalão superior. (PPA GLO – Provisório)*

A instrução preliminar é parte integrante do Adestramento Básico e visa à preparação dos comandantes, dos quadros e agrupamentos para a realização dos exercícios de campanha. Ela deverá ser desenvolvida por intermédio de: atividades de revisão doutrinária, estudo de casos esquemáticos, ambientação com o estudo do tema tático e exercícios de prática coletiva, fora de situação, e demonstrações.

No caso do adestramento de tropas hipomóveis do Exército Brasileiro, Soeiro (2003, p. 23), sugere que o treinamento seja

realizado duas vezes ao ano. Esta periodicidade é empregada por tropas de polícia montada que atuam diariamente nas ruas realizando o policiamento montado.

Os animais empregados pelo exército não saem periodicamente dos quartéis, podendo estranhar o contato com o movimento das grandes cidades. Sugere-se, então, que o adestramento seja desenvolvido bimestralmente, a fim de se manter o contínuo adestramento da tropa hipomóvel. Outra oportunidade de expor os animais ao ambiente urbano é realizar pequenos deslocamentos nas imediações dos quartéis.

2.4.1 Formações Empregadas pela Tropa em OCD

No confronto com manifestantes, uma das maneiras de o comandante intervir é a manobra. Segundo o glossário de termos militares, manobra é o movimento destinado a colocar forças, equipamentos ou fogos em uma situação vantajosa em relação ao inimigo ou para cumprir determinada missão. Na situação em pauta, será o emprego tático selecionado e a formação utilizada pela tropa que o conduzirá ao sucesso da operação.

Segundo Rodrigues (2003), para manobrar o esquadrão hipomóvel é fundamental o completo conhecimento das formações de emprego da tropa em OCD. As formações deverão ser exaustivamente treinadas, a fim de não serem motivo de dúvidas de nenhum integrante da tropa empregada em OCD.

Os deslocamentos até a área de operações podem ser feitos em coluna de pelotão com a testa formada por um, dois ou três, dependendo da via de acesso que esteja sendo utilizada. É importante que a tropa aborde

a zona de ação já na formação planejada, evitando assim manobras desnecessárias junto aos manifestantes.

As formações básicas de emprego em operações são: esquadrão em linha, esquadrão em cunha, esquadrão em escalão à direita ou à esquerda e as combinações das formações básicas com os apoios laterais e à retaguarda.

As formações devem proporcionar apoio mútuo entre os militares e levar em consideração que um homem montado ocupa uma área no espaço bem maior que um homem a pé.

2.4.2 Pista de Treinamento

Em seguida, apresentar-se-á uma pista desenvolvida para adestrar a tropa hipomóvel quando empregada em OCD. Ela consiste em simular as situações que, por ventura, possam ocorrer durante o emprego da tropa em controle de distúrbio.

São reunidos em uma mesma área diversos incidentes e obstáculos, confeccionados na grande maioria com meios de fortuna. A pista tem por objetivo ambientar o cavalo ao teatro de operações que irá enfrentar; desenvolver a confiança mútua entre homem e cavalo além de desenvolver atributos da área afetiva no militar. Durante os momentos de dificuldade enfrentados na pista é que o homem demonstrará seu autocontrole, sua iniciativa, espírito de decisão e também suas fraquezas. É o momento ideal para avaliar a tropa e efetuar alguma substituição de homem ou cavalo.

Este exemplo de pista não esgota as possibilidades de simulações a partir da criatividade e do conhecimento do instrutor. Deve sempre levar em consideração a progressividade do trabalho e a segurança dos instruendos.

3 CONCLUSÕES

Há, nas unidades hipomóveis do Exército Brasileiro, uma enorme carência do emprego militar do cavalo, normalmente empregados por elas em missões de representação. Quando for necessário empregá-las operacionalmente, certamente a tropa hipo carecerá de um adestramento eficaz.

Com certeza, os integrantes dessas unidades, como em todas as demais unidades operacionais do Exército Brasileiro, devem estar em condições de atuar em operações de garantia da lei e da ordem. Mas será que o binômio homem/cavalo estará apto a atuar nessa esfera?

A fim de preparar o binômio em apreço, este estudo buscou coletar, junto às entidades ligadas à segurança pública, as formas de emprego que se demonstrem eficazes, bem como o equipamento e o armamento.

Por mais que os meios bélicos evoluam, jamais deverão ser empregados contra irmãos da pátria. Eles não justificam o emprego agressivo e a utilização das armas de guerra contra manifestações populares. Para conter o descontentamento momentâneo de cidadãos que se uniram em uma massa reivindicatória, devem-se usar forças suficientes para impedi-los de provocar danos às pessoas e às instalações públicas e privadas.

O objetivo do trabalho desenvolvido é justamente oferecer uma forma de adestrar as tropas hipomóveis do Exército Brasileiro, para atuarem em operações de controle de distúrbio.

REFERÊNCIAS

- BONDARUK, Roberson Luiz, Major QOPM. Manual de policiamento montado comunitário. Curitiba, PR, 2005.
- BRASIL. Estado-Maior do Exército. CI 7-10/3: Posto de Segurança Estático. Brasília, DF, 1982.
- _____. Estado-Maior do Exército. IP 31-17: Operações Urbanas de Defesa Interna. Rio de Janeiro, RJ, 1980.
- _____. Estado-Maior do Exército. IP 100-1: Doutrina Delta. Brasília, DF, 2000.
- _____. Estado-Maior do Exército. IP 85-1: Operações de GLO. Brasília, DF, 2001.
- _____. Estado-Maior do Exército. C 100-2: Doutrina Alfa. Brasília, DF, 2000.
- _____. Estado-Maior do Exército. C 19-15: Operações de Controle de Distúrbios. Brasília, DF, 1997.
- _____. Estado-Maior do Exército. C 45-4: Operações Psicológicas. Brasília, DF, 1999.
- _____. Estado-Maior do Exército. C 2-1: Emprego da Cavalaria. 2. ed. Brasília, DF, 1999.
- _____. Estado-Maior do Exército. C 100-5: Operações. 2. ed. Brasília, DF, 1999.
- _____. Estado-Maior do Exército. C 21-30: Abreviaturas, símbolos e convenções cartográficas. Brasília, 2002.
- _____. Ministério da Guerra. Manual do Cavaleiro. 1 ed. Rio de Janeiro: estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1952.
- _____. Estado –Maior do Exército, C 20-1 - Glossário de termos e expressões para uso no exército, 3ª Edição, 2003.
- _____. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: atualizada até a Emenda Constitucional N° 39, de 19/12/2002, com notas remissivas às principais lei básicas. Atualizações e notas por Wladimir Novaes Filho. 6. ed. São Paulo: L Tr, 2003.
- CRUZ, Anamaria da Costa. Apresentação de trabalhos acadêmicos e dissertações. Niterói, 2003.
- DA NOVA, José Niuton, A organização para o emprego de uma SU hipomóvel para as Op GLO, trabalho de conclusão do curso de instrutor de equitação. Rio de Janeiro, 2004.
- DANTAS, Ricardo Pinheiro / Gustavo Lopes da Cruz, O Emprego do Cavalo em Operações Hipomóveis Desempenhando Missões de Controle de Distúrbios Civis, 38 p. Dissertação de Monografia (Curso de Instrutor de Equitação) – Escola de Equitação do Exército. Rio de Janeiro, 2002.
- GONÇALVES, Rodrigo de Lima. Proposta de emprego dos meios hipomóveis em operações de GLO. Brasília, DF, 2001.
- INSPETORIA GERAL DAS POLÍCIAS MILITARES. Manual Básico de Policiamento Ostensivo, MTP-11-3-PM. Curitiba, 1988.

LICART, commandant. A arte da equitação: como aprender e ensinar a montar. Campinas, 1988.

PEREIRA, Rafael Gonçalves. Preparação da tropa (cavalo/cavaleiro) para o "cdc". Trabalho de Conclusão do Curso Técnico de Policiamento Montado da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

POLICASTRO, Alberto Nubie. Manual de tropa montada. Trabalho de Conclusão do Curso Técnico de Policiamento Montado da Polícia Militar do Estado de São Paulo. São Paulo, 1995.

POLÍCIA MILITAR DE MINAS GERAIS. Manual de policiamento montado. MP-11-1-PM, Belo Horizonte (198-).

PORTUGAL. Manual Guarda Nacional Republicana. Lisboa.

RODRIGUES, César Vinícius Boeira. Preparação da tropa (cavalo/cavaleiro) para o "cdc". Trabalho de Conclusão do Curso Técnico de Policiamento Montado da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

ROOS, Francisco Gomes. O emprego de armas não letais em operações de garantia da lei e da ordem. Trabalho apresentado à Academia Militar das Agulhas Negras como parte do Projeto Interdisciplinar do Curso de Bacharel em Ciências Militares. Resende – RJ. 2004.

SGNAOLIN, Jéferson Moreira. *et al.* O emprego do Regimento de Cavalaria de Guarda nas operações de defesa interna. Rio de Janeiro, 1995.

SGNAOLIN, Jéferson Moreira. O emprego da tropa montada em operações de garantia da lei e da ordem. Revista Sangue Novo, 2: 21-24. AMAN. Resende, 2003.

SOEIRO, Eduardo da Costa. A preparação do cavalo para missões de garantia da lei e da ordem. Rio de Janeiro, 2003.